
Não se pode dizer que se conheça uma família por se conhecer os seus membros. É a conjugação de todos eles, a sua sociedade, que lhe dá um sentido. Qualquer indivíduo imerso no mundo é só mais um; em família, é filho, pai, irmão, neto. Eu tive acesso à família Belitre por intermédio de Nacho.

Nacho era o terceiro dos irmãos. Conhecemo-nos anos antes, quando fazíamos o COU¹ num instituto em que o curso deixara de ser exclusivamente feminino. A cumplicidade entre nós surgiu de imediato. Éramos os dois únicos rapazes numa turma de trinta e três raparigas. Vínhamos ambos de colégios de padres e, ao entrar na aula, rendíamo-nos a uma até então desconhecida mescla de aromas de mulher. Durante aquele ano, Nacho partiu o coração a muitas delas. Eu era o ombro onde vinham chorar. Mas esta não é a minha história. Nem sequer a de Nacho. É a história da sua família. De todos eles.

Ao começar aquele Verão de 1986 eu quase não sabia nada sobre os Belitre. Nem sequer vira a árvore genealógica abençoada pelo Papa que decorava uma parede da casa dos avós. Por baixo do selo vaticano lia-se:

1 COU – Curso de Orientación Universitaria – correspondente ao último ano do nosso Ensino Secundário, nos anos 70 e 80, para preparação da entrada na Universidade. (*N. da T.*)

Um

Se esperares, conto-te o que nos aguarda depois da morte. Amiga, tu e eu sabemos que viver não foi nada mau, porque não haveria de ser ainda melhor o que vem depois? Agora parece-me óbvio que a morte é o estado normal e que viver é o acidente. E achas alguma razão mais justificada para morrer do que saber o que nos espera? Que não digam: morreu de cancro ou de um tumor cerebral. Digam: morreu por curiosidade.

Última carta de Ernestina Beltrán a Alma Belitre

A mãe dos Belitre suportava uma reunião com o director do hospital psiquiátrico infantil Amor de Dios. Matías, o penúltimo dos seus seis filhos, passara o ano lectivo ali internado. Como costumava acontecer nas férias, a criança regressaria para junto da família, mas desta vez a mãe acreditava que não precisariam de voltar a interná-lo quando acabasse o Verão. Na nova casa, tão grande, seria tudo mais fácil, pensava para si, convencida de que manter um menino de doze anos afastado da família era uma terapia demasiado cruel.

O director do centro não partilhava aquela opinião. «É evidente que o carinho pode curar», dizia-lhe, «mas não basta. A ciência acredita no homem, mas o homem tem de acreditar também na ciência. O seu filho é um caso clínico e como tal deve ser tratado. A síndrome de Latimer, não sendo tratada antes da maturidade, acaba por desembocar numa esquizofrenia profunda de carácter paranóico.» A mãe de Matías foi muito mais sucinta: «Só quero que o meu filho cresça com os irmãos.»

Matías esperava a mãe sentado na cama do seu quarto. A excitação por saber que ia voltar para junto da família mal o

deixara dormir durante a noite. De madrugada, levantara-se para, com uma diligência inusitada numa pessoa de tão tenra idade, começar a preparar as suas coisas. O companheiro de quarto no hospital, um menino abandonado com problemas motores e narcolepsia, acordou com o barulho.

– Tenho pena de que te vás embora, não quero ficar sozinho.

– Ora, há-de vir outro – tranquilizou-o Matías. – Tenho de estar junto da minha família. Queres que te mostre outra vez o álbum?

Matías não se cansava de mostrar o seu álbum de fotos de família. Era um pequeno caderninho de plástico, oferta dos cereais de pequeno-almoço Kellogg's, no qual Matías dispusera cronologicamente os membros da sua família.

– Estes são o avô Abelardo e a avó Alma no dia em que celebraram as bodas de ouro. Ela atirou o bolo ao meu avô, mas não acertou. Vês a mancha na parede?

– Este é o teu pai?

– Não, o meu irmão mais velho, o Felisín. Agora tem vinte e oito anos, mas quando essa fotografia foi tirada era mais novo. Já não usa bigode, ficava-lhe muito mal. Uma noite, enquanto ele estava a dormir, o Nacho queimou-lho com um isqueiro.

– O Nacho é este?

– Não. – A imagem mostrava um rapaz encorpado e voltado de costas. – Esse é o Basilio. Não gosta que lhe tirem fotografias.

Basilio tinha agora vinte e dois anos, mais dois do que Nacho – o mais endiabrado de todos, explicou Matías pela enésima vez ao amigo, que entretanto adormecera. – Depois vinham Gaspar, com catorze, o próprio Matías, com doze, e Lucas, com nove.

– E esta é a minha mãe. Não é bonita?

A mãe deixara o resto da família entretida com a mudança. Todos excepto Felisín, o mais velho dos seis, que se encontrava em Cannes, a fazer a cobertura do festival de cinema para o jornal de que era crítico.

Durante o trabalho de carga, Gaspar, em plena ebulição adolescente, separou-se dos outros e desatou a correr pela rua acima. Parou à porta do bar de Vicente, cansado da corrida.

Lá dentro, o senhor Vicente atendia ao balcão enquanto a filha Violeta passava um pano húmido nas mesas. Era da idade de Gaspar, tinha o cabelo comprido, encaracolado e castanho, os lábios generosos e as formas do corpo bem delineadas para os seus catorze anos. Gaspar estava apaixonado por ela desde a primeira vez que a vira, há dois anos. Dois anos de espera e de desejo que tinham dado ao rapaz um ar sonhador e desamparado, e um olhar refulgente.

Violeta exibia a atraente indolência das jovens de catorze anos. Face à simplicidade dos rapazes dessa idade, interessados em ver crescer a penugem do seu bigode, as raparigas, ainda crianças, dominavam com autoridade de entendidas o jogo sentimental, aprendido muito provavelmente ao colo de um tio carinhoso ou de um papá manipulável.

Ao ver Gaspar, sorriu, saiu do bar e colocou-se à frente dele.

– Não se iam embora hoje? – Gaspar assentiu, sem se atrever a abrir a boca. – Vens despedir-te?

Gaspar encolheu os ombros. Ela parecia divertida com a situação, ele mantinha-se em silêncio.

– Bem, vais dar-me um beijo, não? Se calhar nunca mais te vejo.

Gaspar aproximou o rosto do dela e as faces de ambos tocaram-se, mas Violeta alterou o beijo inocente colando os seus lábios aos lábios dele.

Foi assim que Gaspar recebeu o primeiro beijo de amor da sua vida. Sem frases poéticas ou música de fundo, até mesmo sem língua. Não se lembrava de ter pensado em nada de especial, apenas de se ter sentido incapaz de se aguentar nas pernas e de apagar o incêndio das suas orelhas.

– Espero que nos venhas ver de vez em quando – disse Violeta, e depois sorriu concluindo a despedida.

Gaspar teria ali ficado até lhe crescerem raízes e os cães lhe virem urinar nos sapatos, olhando-a através da montra, mas deitou a correr por onde viera, esbarrando com as pessoas, com aquela ideia que os apaixonados têm de serem seres fantasmagóricos capazes de atravessar paredes, e que é, sem dúvida, causa de muitos narizes partidos.

À porta de casa, os outros estavam à espera dele para ir embora. O pequeno Lucas convencera os homens das mudanças a deixá-lo acompanhá-los no camião. O pai preferiu ir atrás deles, no seu carro, com o receio secreto de que as portas traseiras se abrissem e ele perdesse todos os seus pertences pelo caminho. Muito provavelmente era uma imagem recorrente da sua infância, um pequeno trauma de *101 dálmatas*. Conduzia alheio ao que o filho Lucas comentava naquele momento na cabina do camião: «O meu pai tem uma cómoda partida e vai dizer que foram vocês que a estragaram para vos descontar dinheiro.»

Gaspar ia ao lado do pai, sentado nos joelhos de Basilio e de Nacho, que partilhavam o assento. Encostou a cara à janela. À sua esquerda viu a exposição permanente de caravanas ambulantes. Gaspar sonhava comprar uma e viver na estrada com Violeta. Percorreria os Estados Unidos de ponta a ponta, escrevendo apenas sobre as coisas que lhes acontecessem, «como um desses escritores *beat*». Para isso ainda faltava algum tempo. De momento, contentar-se-ia em colar na parede do novo quarto um mapa dos Estados Unidos que lhe sussurrasse nomes míticos: Nova Orleães, Missouri, Baltimore, Chicago.

Félix, o pai, estacionou o carro sobre a relva maltratada, e o camião da mudança ficou voltado para a porta. Cada um dos rapazes pegou no objecto mais valioso que possuía e entrou com ele dentro de casa. Basilio, com a mala de pinturas e as caixas transbordantes de revistas de quadrinhos, desde o seu idolatrado Crumb até ao seu herói Spirit, Nacho, com a sua guitarra e uma caixa de livros que escondia no fundo a colecção de fotografias pornográficas cuidadosamente acumuladas ao longo de toda a adolescência. Lucas atravessava o jardim carregado com o seu precioso aquário de peixes às cores. Andava com extrema lentidão para que não se perdesse uma única gota de água. Nacho fê-lo parar com ar de polícia.

– Vamos lá ver, o que trazes aí? – perguntou ao irmão mais novo.

– Deixa-me passar, idiota – disse Lucas, procurando esquivar-se.

Mas Nacho colocou-se outra vez à frente dele, meteu a mão no aquário e, perante os protestos histéricos do irmão de

nove anos, meteu-lhe dois peixes púrpura do Suriname dentro das cuecas azuis-claras. Lucas correu protegendo o aquário, mas incapaz de evitar que a água se derramasse, encharcando-o. Chegado ao seu quarto, tirou os peixes das cuecas e voltou a colocá-los na água.

– Ainda bem que não são carnívoros – troçou Basilio.

– O Nacho queria matá-los. Maldito filho-da-puta-cabrão-sacana.

Ia pela escada abaixo preparado para se vingar. Atrás dele, Basilio repreendeu-o.

– Não comecem com as brigas enquanto não acabar a mudança.

Quando Gaspar chegou com a sua romântica máquina de escrever Smith-Corona, presente do avô Abelardo, encontrou Nacho debruçado na varanda do quarto que partilhavam. O irmão recebeu-o com uma palmada nas costas.

– Gaspar, já temos casa.

Fui poucas vezes ao andar onde tinham vivido todo aquele tempo, em Algete, nos arredores de Madrid. Só lá havia móveis-cama, cadeirões desdobráveis, armários embutidos, prateleiras rebatíveis, portas de correr e mesas extensíveis. Oito pessoas era gente a mais para um espaço tão pequeno. Os seis rapazes distribuíam-se por dois quartos. Os que costumavam chegar de madrugada, Felisín, o mais velho, ou Nacho deparavam com os irmãos já deitados e tinham de saltar agilmente por cima deles para conseguirem abrir o seu móvel-cama, depois de dobrarem a secretária do escritório e de porem duas das cadeiras no corredor.

– O ideal era que nos tivessem parido com pernas de pô e tirar – brincava Nacho. – À noite deixávamos a cabeça na dispensa e as pernas na janela...

– Sim, e assim livrávamo-nos do cheiro dos pés do Lucas – dizia Basilio, que partilhava o quarto com Lucas, cujos pés, efectivamente, cheiravam muito mal.

Graças a uma «carambola da vida», como definiu o avô Abelardo, a nova casa caíra-lhes do céu. A avó Alma, que nos últimos dezassete anos optara por ficar na cama, correspondia-se incansavelmente com uma velha amiga chamada Ernestina

Beltrán. Quando esta morreu e abriram o seu testamento, os herdeiros depararam com uma última cláusula: «Lego a minha única posse em Madrid, o palacete da Calle Tremps, à minha única amiga em Madrid, que nunca deixou passar um só mês sem que uma carta sua viesse alegrar a minha anunciada degradação: Alma Belitre.»

A avó Alma recebeu a notícia do falecimento da amiga com indiferença. «Julgas que por ter morrido vou deixar de lhe escrever?», comentou com Asunción, a mulher que tratava dela. Portanto, persistiu no envio de cartas a Ernestina, ao ponto de a filha desta, alarmada, lhe escrever lembrando o falecimento da mãe. «Creio na correspondência, não na morte», telegrafou-lhe Alma, numa vã tentativa de que a entendessem.

A avó Alma concordou que a herança do palacete da Calle Tremps passasse para a família do filho Félix Belitre. Situada entre a Dehesa de la Villa e a Ciudad Universitaria, a casa tinha três andares nada maus, coroados por umas águas-furtadas cheias de fissuras, goteiras e rachas no chão. Duas casas de banho, uma cozinha imensa e uma varandinha de sonho em cada andar. Havia trepadeiras e ervas daninhas por todo o lado, sob a autoridade de uma cerejeira raquítica que um dia voltaria a florir no vasto jardim soalheiro. O mesmo sol que todos os Verões queimaria as costas desprotegidas dos pequenos Lucas e Matías, o que obrigava a mãe a borrifá-los com vinagre antes de irem dormir.

Refastelados na relva do jardim, devoravam o almoço junto dos homens das mudanças. O chefe ocultava uma filosofia de vida muito própria sob o capacete de mineiro, um tanto exagerado para aquele trabalho.

– Pelo que transportas numa mudança podes conhecer as pessoas. A mim, basta-me carregar e descarregar as coisas para saber o que se passa dentro de uma casa.

– E nós? Como somos nós? Temos alguma coisa estranha?

– interveio o pai, com curiosidade.

– Ora! Vocês são uma família totalmente normal.

– Ainda bem...

– É que eu sou um gajo que já viveu muito, já são cinquenta anos de mudanças. Vi o meu pobre pai morrer esmagado

por uma cómoda que se despenhou por umas escadas abaixo. Muitos acidentes já vi eu!

– É por isso que usa sempre o capacete? – perguntou Lucas.

– Claro que não. É que no outro dia, na serra, caiu-me uma pinha na cabeça e levei sete pontos.

Levantou o capacete para mostrar a costura da careca e pô-lo no pequeno Lucas. No entanto, o capacete ficava apertado a Lucas.

– Que grande cabeçorra tens, rapaz!

– Oferece-mo? – suplicou Lucas, ajustando o plástico do capacete ao diâmetro da sua cabeça.

– Claro que sim.

A conversa foi interrompida quando um idoso apareceu à porta do jardim e começou a dar bengaladas no camião.

– Oiça lá, o que está a fazer? – gritaram-lhe.

– Nem na minha própria casa posso entrar? – defendeu-se o velho, sem parar de bater no camião.

– Papá – interferiu o pai, para resolver a questão –, não vês que é o camião da mudança? Desculpem, é o meu pai – desculpou-se perante os homens.

– Eu não sou teu pai – replicou o avô Abelardo. – Tu é que és meu filho. Embora não pareça, não é a mesma coisa.

O avô entrou no jardim depois de partir com uma bengalada o espelho retrovisor do camião.

– E, para que conste, a herança desta casa era minha.

Cumprimentou os netos à pressa, agarrou Gaspar por um ombro e fez com que este o guiasse até à Smith-Corona. Sentou-se em frente dela e pediu papel. Gaspar estendeu-lhe uma folha.

– Agora desaparece, que me espantas a musa – disse ao neto favorito.

A mãe de Matías foi convidada para almoçar no hospital e para estar presente na festa de fim de terapia das crianças internas. Sentou-se numa das cadeiras do modesto salão de festas, com outras mães e familiares. Ali pôde apreciar as imitações que os

garotos faziam das suas personagens favoritas da televisão e uma pequena representação teatral em mímica.

– Porque não participaste? – perguntou a mãe a Matias, sentado ao seu lado.

– Não percebes? – exclamou o pequeno. – É uma infantilidade. Já não tenho idade para esses disparates.

A mímica teve de ser suspensa apressadamente quando um dos miúdos que participavam começou a falar aos gritos e a puxar o cabelo aos outros. Uma enfermeira, a quem davam mordidelas e pontapés nos tornozelos, dirigiu-se à assistência:

– Por favor, aplaudam para que o menino não se sinta rejeitado.

Tirou o menino histérico do palco, entre aplausos calorosos e alguns bravos exagerados.

– Bem, Matias – despedia-se o director pouco depois –, espero que tenhas umas boas férias.

Matias olhou-o e, com a surpreendente maturidade que caracterizava os seus escassos doze anos, disse:

– Compreenda, Doutor, que um novo lar precisa de uma direcção firme e alguém se deve encarregar disso. Somos uma família numerosa.

Matias acabou de guardar as revistas de quadradinhos e um jogo de construções na sua pequena maleta com um desenho do Snoopy em traje regional escocês. Passou-lhe despercebido o olhar nervoso que trocaram o médico e a mãe.

– Venha visitar-nos um destes domingos – atirou Matias à enfermeira que se despedia deles à porta do hospital.

Umhas repetidas bengaladas do avô na balaustrada da varanda fizeram parar os trabalhos da mudança. Esgrimia uma folha escrita à máquina, exigindo silêncio absoluto. Do alto da varanda leu como um ditador que se dirigisse ao seu povo:

Disse o poeta: «Lar doce lar»,
e quem sou eu para negar
tão sábia afirmação.
Esta casa, fruto da sorte,

cedo à minha família, que conta
entre Félix e Amanda e Felisín,
Basilio, Gaspar, Matías, Lucas e Nacho
nove pessoas e não oito,
pois será sempre bem recebido
não eu, mas o convidado de luxo
de toda a casa em bom uso
e este não é senão Deus.

Quando o avô acabou o recital, o filho e os netos aplaudiram de imediato. O avô dobrou o papel e guardou-o no bolso, não ouvindo as risadas dos homens das mudanças. Desceu para ajudar os outros e, juntamente com Lucas, transformou-se em mais um obstáculo a contornar na difícil busca de um lugar onde aterrar os móveis. Nada encaixava no lugar a que se destinava, mas aquilo começava a cheirar a lar.

Às oito em ponto, os homens das mudanças deixaram uma secretária no meio do pátio e entraram no camião. O pai pagou ao chefe, sem conseguir compreender como podia ter tanta certeza de que não tinham sido eles a partir a valiosa cómoda. Realmente sabem o que estão a fazer, pensou enquanto via afastar-se o camião, não há quem os apanhe.

A mãe e Matías apareceram num táxi e todos os irmãos correram a abraçar o recém-chegado. O avô e o pai juntaram-se à carinhosa recepção.

– Sem pressas, o importante é que não se parta nada – aconselhou o pequeno Matías à família.

Os irmãos levaram-no para dentro de casa.

– Bem, agora tenho de vos ler também o poema – queixava-se o avô.

– Não te preocupes, faremos fotocópias – disse o pai com pouca convicção.

– Boa ideia, emolduro-o e pomo-lo no alpendre.

O pai e a mãe atravessaram o pátio.

– Tens a certeza de que os médicos acham que é bom tirá-lo do hospital? – perguntou o pai.

– Claro que sim. Até o próprio director me disse: não há nada que o amor de uma família não possa curar – tranquilizou-o a mãe.

Alguém me disse que ele lhe pegou na mão ao subirem os quatro degraus do alpendre à entrada do seu novo lar e que trocaram um beijo rápido, mas isso não pôde ser confirmado.

– Ah, já me esquecia, há bocado telefonou o Felisín – disse o pai à mãe. – Já estava em Barcelona. Ia apanhar um autocarro. Disse que chegariam aí por volta da uma, mais ou menos.

A mãe parou de bater os ovos e, com uma expressão preocupada, assomou à sala.

– Pois já cá devia estar.

– Mas se ainda nem sequer é meio-dia, mulher!

– Sim, mas ele diz sempre que chega duas horas mais tarde para eu não estar preocupada.

– Vamos, vamos, não dramatizes.

– Odeio autocarros, provocam-me pânico – confessou ao marido. – Andam a mil à hora e com esses luxos todos de vídeo e bar integrado. Quem é que proíbe o condutor de ir vendo televisão e bebendo o caminho todo?

Voltou para a cozinha com a suspeita de que as estatísticas de morte por acidente de autocarro ultrapassavam, em muito, inclusive as dos primeiros tempos da aviação.

O avô preferiu não ir dormir a casa dele. Entre os poemas e a mudança sentia o peso da noite. «Não te preocupes, telefonamos à avó e dormes cá, agora já temos um quarto de hóspedes», dissera a mãe com orgulho.

– É melhor assim, porque já não tenho idade para andar por aí a vadiar à noite – confessou o avô à sua descendência.

O jantar decorreu entre brincadeiras e nervosismo. Nacho interrompia cada garfada de tortilha para tentar sintonizar a televisão da sala. Matías acabou por se dirigir ao pai em tom autoritário.

– Félix, vê lá se acabas de jantar depressa porque amanhã tens de trabalhar e depois não há quem te faça levantar.

Emudeceram todos. A mãe fez uma expressão nervosa que pretendia que fosse um sorriso. O pai evitou cruzar o olhar com qualquer dos filhos e baixou os olhos para o prato.

– E tu também, Lucas – acrescentou Matías. – Que horas são agora?

– Já não tenho colégio.

– Obedece – decidiu a mãe.

O silêncio foi quebrado pelo ruído de um carro. Correram para o alpendre mergulhado na noite amena e viram Felisín sair de um táxi e tirar dois grandes volumes do porta-bagagens. Ele acenou-lhes de longe.

– Papá, podes vir pagar o táxi? – gritou.

– Espero que não venham assim desde França – murmurou o pai a caminho da porta.

Felisín e o pai dividiram as malas. A outra porta do táxi abriu-se e surgiu a figura de uma mulher no escuro. Foram os três ao encontro da família, que esperava ansiosa no alpendre. Quando se aproximaram, os olhos de todos confluíram na mulher. Muito atraente, os seus olhos verdes cintilavam na noite. Fez-se ouvir o rumor surdo da aprovação familiar. Visivelmente esgotada, a rapariga parou diante deles depois de chegar ao alpendre.

Felisín poisou as malas no chão e, exultante como um mestre-de-cerimónias, anunciou:

– Apresento-vos a minha esposa, Nicole. – E voltando-se para ela: – *Mon père, ma mère, mon grand-père* e estes anões *sont mes frères*.

Ninguém se aproximou. Nem um beijo. Um cumprimento distante. Um silêncio prolongado. Nicole murmurou qualquer coisa em francês dirigindo-se a Felisín sem ênfase.

– Diz – traduziu Felisín – que está esgotada da viagem e que gostava de dormir.

– Pois vá, vá, todos para a cama – organizou Matías.

– Nacho, Basilio, levem essas malas para cima e todos para a cama.

Obedeceram às ordens de Matías. Nicole acusava demasiado o cansaço da viagem para se interessar pelo estranho tom autoritário daquele garoto. Foram desfilando para os respectivos quartos. Os quatro rapazes para o segundo andar. Os outros para o primeiro. Nicole e Felisín entraram no seu quarto. Do candeeiro pendia uma tira de papel às cores: «*Bienvenus les recién casés.*»

– Matías – anunciou a mãe –, hoje dormes com o avô.

– De maneira nenhuma, eu durmo contigo – sentenciou o rapaz, entrando no quarto dos pais.

O pai ia protestar, mas a mãe deteve-o com um gesto.

– Deixa-o, com certeza que estranha a mudança do hospital.

Assim passaram a primeira noite no seu novo lar. O sono apoderou-se deles com uma velocidade vertiginosa. O pai, enquanto aquecia com os seus pés os pés gelados do avô, pensou que as mudanças vinham demonstrar quão pouco é o que se deixa para atrás. Matías abraçou-se com força à mãe na cama de casal. A mãe sorriu, certa de que nunca mais o internaria.

Assim, graças a um tumor cerebral que ceifara a vida de Ernestina Beltrán e à amizade entre esta e a avó Alma, a família Belitre pôde, pela primeira vez na vida, ouvir o canto dos grilos rasgar a noite de Madrid.